Ano XXV — Lisboa, Fevereiro de 1969 — N.º 286

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga

ESCOTISMO E POLÍTICA

Pelo PROFESSOR ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA

No seu número de Outubro do ano passado, a magnífica revista **World Scouting** publicou um breve artigo do secretário-geral Laszlo Nagy subordinado ao título acima indicado.

Porque a sua leitura me impressionou fortemente, sobretudo pela maneira elevada como o autor considerou o assunto, apesar de o ter feito de forma concentrada, pareceu-me útil e, mais do que isso, necessário comentar algumas passagens e tirar conclusões, que se me afiguram pertinentes.

Logo a abrir esse artigo, escreve o autor: «Ficamos frequentemente satisfeitos com repetir que o nosso Movimento é, por definição, fundamentalmente apolítico. Talvez seja, mas a interpretação constante e errónea deste princípio, em vez de fortalecer o nosso Movimento, ameaça-o de afastá-lo das realidades da própria vida».

E, pouco depois, continua: «Não é preciso fazer perguntas ao rapaz para descobrir que se assiste em todo o Mundo a um crescente interesse dos jovens pela política. Este interesse varia de intensidade e manifesta-se de diversas maneiras conforme a idade, a educação e o temperamento do rapaz, conforme a origem e o grau de evolução da sua pátria, assim como outros elementos. Mas o facto permanece; já não podemos doravante ignorá-lo, sem risco nem perigo».

Estas palavras talvez não sejam muito acessíveis à mentalidade do Português médio e muito menos à dos nossos rapazes, nascidos, criados e educados em «clima» muito diverso do de além da Mancha.

Por variadas razões que não vêm aqui à barra, embora não fosse desaconselhável apresentá-las e discuti-las, os moços portugueses, com as habituais excepções (aliás muito raras), nada sabem de Política, acerca da qual nutrem os mesmos preconceitos que tem por ela o Homem-da-Rua.

Perdida a antiga tradição intervencionista, que permitia dizer «não» aos reis em Cortes e, em certos casos, alçar ao trono novo monarca (como se viu durante a grave crise dos fins do século XIV), deixaram os Portugueses de sentir a necessidade de intervirem na marcha dos negócios públicos, cada vez mais habituados a um Poder paternalista, que fazia os reis verem nas gentes os seus «filhos», castigados, às vezes com dureza, quando entendiam que tal se fazia mister.

Foi a Revolução de 1820 que pela primeira vez procurou insuflar nos Portugueses uma consciência cívica e chamá-los assim à prática activa da cidadania, quando abriram as Cortes Constituintes de 1821.

A verdade, porém, é que se todos os mentores da nova organização política se diziam «liberais», parte muito apreciável deles não possuía «espírito liberal», o que explica que se tornassem possíveis as reacções de 1823, de 1824 e de 1828, e também que o belo programa dos homens de 1820 viesse a marear-se através de todo o século XIX.

Daí a série de pugnas políticas em que esse século foi fértil, para não me referir às revoluções armadas e às duas guerras civis que ensanguentaram a primeira metade

Continua nas págs. 6 e 7

DIA 22 DE FEVEREIRO DE 1969

OS OITENTA ANOS DE «LADY» BADEN-POWELL



No seu livro «A Escola da Vida», Baden-Powell reúne um punhado de acontecimentos e episódios da sua vida, escritos não à maneira de uma autobiografia, mas imprimindo-lhes um carácter esparso, isto com o intuito, como da leitura se depreende, de deixar os traços mais salientes da sua passagem pela vida, a fim de que, os que vierem depois, possam encontrar o seu caminho através dessas pegadas.

Nesse livro curioso, B.-P. divide a sua vida em duas partes: a Vida n.º 1, passada nas forças armadas, em campanhas militares nos pontos mais diversos da Terra; e a Vida n.º 2, a que ele consagrou integralmente ao Escotismo.

Infelizmente, não temos em nosso poder documentos através dos quais possamos reconstituir o que foi a Vida n.º 1 de Olave Saint Clair Soames, aquela que viria a ser a companheira fiel e dedicada do grande Escoteiro até aos derradeiros dias, essa mulher extraordinária que todos conhecemos hoje pelo nome de *Lady Baden-Powell* e que, no dia 22, completa o 80.º aniversário.

Sabemos, apenas, que era a terceira filha de uma família de boa linhagem e que nasceu em Chesterfield, no centro da Inglaterra, em 22 de Fevereiro de 1889

Continua na pág. 2

OS OITENTA ANOS DE «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 1

(caso curioso, embora bem conhecido: o seu dia de aniversário era o mesmo de B.-P.!).

Como a sua saúde era frágil, a família confiou-a a preceptoras de diversas nacionalidades, tendo passado a maior parte do tempo em regiões campestres. A educação que recebeu deste grupo de boas mestras permitiu-lhe alcançar sólida cultura, além de revelar uma vincada preferência pela vida simples e do ar livre.

É exactamente no início da descrição do que denomina a sua Vida n.º 2 que B.-P. nos dá as primeiras notícias da jovem que viria a ser sua mulher. E fá-lo em termos muito singulares:

«Ao estudar a arte de seguir uma pista — narra B.-P. — *tinha-me exercitado em deduzir o carácter das pessoas pela forma como marchavam e pela impressão deixada pelos seus passos. Os seguidores de pistas indígenas do mundo inteiro sabem ler o carácter, os actos ou as intenções daqueles de quem observam as pegadas: a ponta do pé inclinada para fora indica, por exemplo, um mentiroso; uma depressão na ponta exterior revela um espírito aventureiro, etc.*

«Nas minhas experiências, cheguei à conclusão de que quarenta e cinco por cento das mulheres são muito aventureiras de um dos pés, mas hesitantes do outro, portanto sujeitas a agir apenas por impulsos. Uma excepção a esta regra devia atrair, por conseguinte, a minha atenção. Ora, ao entrar um dia no quartel de Knightsbrigde (eu ainda estava no exército), reparei numa jovem acompanhada por um cão da raça épagneul *(ela era-me completamente desconhecida e nem sequer lhe vi o rosto). Observei que a maneira de andar dessa jovem denotava um espírito sério e aprumado, muito bom senso e, ao mesmo tempo, o gosto da aventura. Porém, nunca mais pensei no caso.*

«Dois anos mais tarde, a bordo de um barco em que viajava para as Antilhas, reconheci a mesma maneira de andar numa das passageiras. Quando nos apresentámos, disse-lhe: — «Vive em Londres, não é verdade?»

«Estava enganado: ela morava em Dorsetshire!

«Porém, retorqui. — «Mas não tem um épagneul *castanho e branco?» — «Pois tenho», respondeu-me surpreendida.*

— «E não esteve em Londres, perto do quartel de Knightsbrigde?»

— «Sim, estive aí há dois anos» — respondeu-me ela.

«Acabámos por casar e fomos muito felizes. Foi assim que começou a minha segunda vida e, com ela, os Escoteiros e as Guias.»

Um casal que seguia no mesmo navio deu conta de que a origem desse romance de amor esteve na admiração suscitada pela destreza e a graça de B.-P., vivamente demonstrada durante a viagem. Quando o casal desembarcou em Nova Iorque não suspeitavam do que iria acontecer. Porém, no ano seguinte, grande foi a sua admiração quando encontraram Olave e Robert Baden-Powell em viagens de núpcias na Africa do Norte.

É histórica a passagem da carta que *miss* Soames escreveu a sua mãe durante a viagem para as Antilhas: *«A única pessoa interessante a bordo é o general Baden-Powell, o grande escoteiro».*

O casamento só se efectuou, todavia, depois de B.-P. ter completado a volta ao mundo, que empreendera com aquela viagem, em vista de o pai de *miss* Soames ter pedido um prazo para a realização do consórcio, dada a grande diferença de idades dos noivos: exactamente 32 anos.

Mas foi assim que *miss* Soames iniciou a sua Vida n.º 2, sob o nome, hoje em toda a parte venerado, de *Lady* Baden-Powell.

Deste casamento, nasceram três filhos: um rapaz, Peter, e duas meninas, Heather e Betty, respectivamente em 1913, 1915 e 1917.

Correspondeu, por completo, à impressão produzida em B.-P. a jovem inglesa, pois seriam sem conta as aventuras que ambos empreenderiam por todos os cantos do mundo, sempre no intuito de visitar e estimular os movimentos escotista e guidista, que se expandiam por quase todas as nações. Tal entusiasmo a *Lady* imprimiu à sua acção que, em 1918, as guias aclararam-na como Guia-Chefe Mundial.

Os Jamboris e as grandes actividades escotistas foram visitados pelos Chefes Mundiais, os quais em toda a parte recebiam as honrarias e as provas de carinho dos jovens que ansiavam conhecer esse casal fabuloso, cuja maneira de ser deixara impressa uma feição muito particular e inigualável em eficiência nos movimentos de que eram os condutores.

Lady Band-Powell, na companhia de seu marido, visitou algumas das cidades das províncias ultramarinas portuguesas, como a Beira e Lourenço Marques, e o Funchal. A primeira vez que a *Lady* esteve em Lisboa foi em 4 de Março de 1929. Apesar de à sua estadia aqui não ter sido dado grande relevo pela imprensa, «O Século» do dia 6 começa a sua reportagem, dizendo que *«o general Robert Baden-Powell, acompanhado por sua esposa e de mais pessoas de família, visitou, ontem, de automóvel, demoradamente, Sintra, Cascais e Estoril, não escondendo aos que o acompanhavam a boa impressão da sua visita».* Já o «Diário de Notícias» do dia 4 anunciara que B.-P. vinha *«acompanhado por sua esposa e por duas filhas e será hóspede de seu sobrinho, o sr. coronel Pope, director da Companhia dos Telefones».*

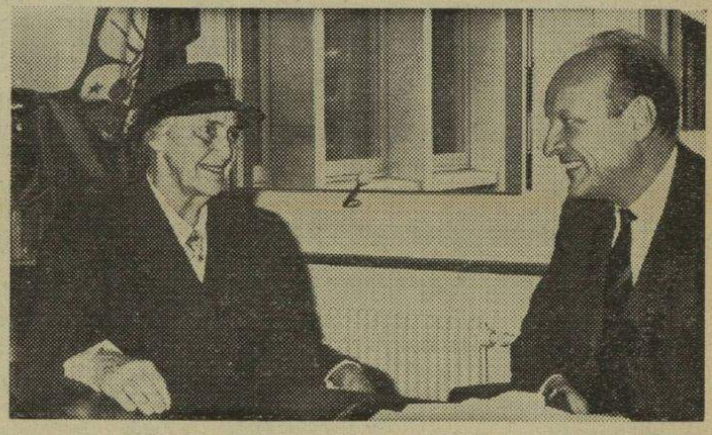
Todavia, foi em 1934, durante a segunda visita do casal a Lisboa, que a presença de *Lady* ficaria indelèvelmente assinalada, não só pela irradiante personalidade da visitante, mas também devido ao facto de B.-P., por motivo de doença, não ter podido desembarcar do *Adriatic*, donde, mesmo assim, assistiu ao desfile de algumas centenas de escoteiros e guias portugueses, cujo garbo profundamente o impressionou.

Foi esta a última visita do general ao nosso país. *Lady* Olave Baden-Powell percorreu a região de Lisboa, onde contactou com diversas entidades oficiais ou ligadas ao movimento escotista, tendo sido recebida pelo ministro da Instrução Pública, pelo Cardeal Patriarca e pelo presidente da Câmara de Lisboa. Da varanda dos Paços do Concelho, assistiu ao desfile das guias e escoteiros que estavam na Capital.

Nas palavras que dirigiu aos jovens portugueses, *Lady* Baden-Powell teve ocasião de exprimir a grande satisfação que esta visita lhe proporcionara e de desejar os maiores êxitos para os movimentos guidista e escotista.

A insinuante simpatia que em todos deixou bem firmada, a expressão de um carácter vincadamente definido, bem como o elegante recorte da sua personagem, não permitiram que subsistissem quaisquer dúvidas, em todos quantos tiveram o privilégio de com ela contactar ou, pelo menos, de a ver, de que *Lady* Baden-Powell era efectivamente a mulher fadada para apoiar e secundar um grande homem como foi o Fundador do Escotismo.

Depois do Jambori de Vogelenzang, na Holanda, em 1937, o último em que *Lady* esteve na companhia de seu marido, a saúde deste começou a mostrar sinais que causavam apreensões. Em Agosto do ano seguinte, B.-P. deixou, pela última vez, a Inglaterra. O casal instalou-se no Quénia, em Nieri, numa casa de campo. Foi neste ambiente de calma, no meio das florestas dessa Africa que ele tanto amara, contemplando os picos gelados do monte Quénia, que B.-P. passaria os últimos anos da sua vida. Explorando a selva, observando a vida dos animais, pintando, desenhando, escrevendo cartas e as últimas obras, assim terminou essa vida fantástica de B.-P., um dos homens, cuja acção mais profundamente influiria na educação da juventude nos tempos modernos. Foi o dia 8 de Janeiro de 1941 que pôs termo a essa aventura maravilhosa que foi a carreira do Fundador do nosso movimento.



Lady Baden-Powell conversa animadamente com o Secretário-Geral da Repartição Mundial do Escotismo, sr. Laszlo Nagy.

A seu lado, sempre fiel, sempre a mais leal colaboradora das suas actividades e iniciativas, sempre a enfermeira infatigável e a companheira de todas as horas, lá se encontrava, nesse derradeiro momento, *Lady* Baden-Powell, agora pronta a enfrentar, digamos, a sua Vida n.º 3, em que ela empunharia sòzinha o facho do Ideal que de seu marido recebera. E assim aconteceu.

Terminada a Guerra Mundial, — o acontecimento que mais intimamente feriu, nos seus últimos anos, a sensibilidade de B.-P., tão confiante no poder da fraternidade universal para prevenir as guerras, — *Lady* Baden-Powell lança-se denodadamente na obra de recuperação do Escotismo naqueles países que a terrível conflagração flagelara.

Alguns meses depois da paz na Europa, em 22 de Abril de 1945, a Chefe Mundial assiste, em Paris, a um histórico desfile de 35 000 escoteiros e guias da região parisiense, que marca o ressurgir do escotismo francês após tantos anos de opressão nazi. Em Caen, a cidade-mártir,

Continua na pág. 4

ESCOTISMO E POLÍTICA

O Editorial do presente número de «Sempre Pronto», de que é Autor o Escoteiro-Chefe Professor António Álvaro Dória, constitui trabalho esclarecido e de profundo significado escoteiro, que merece a mais ampla difusão entre a juventude escoteira, com vista a contribuir para a formação do seu espírito cívico, obra educativa da maior necessidade. O Escotismo visa essencialmente a formação de uma juventude consciente dos seus deveres para com Deus e a Pátria, à margem de partidarismos políticos.

Pareceu-nos, por isso, do mais relevante interesse publicar em separata este artigo. Dado que «Sempre Pronto» não possui fundos para este trabalho, apelamos para os nossos Leitores no sentido de nos ajudarem nesta despesa. Em retribuição das contribuições que nos forem enviadas para este efeito enviaremos o número de exemplares que nos solicitarem.

Promessa mal cumprida...

Aguardávamos com muita curiosidade o cumprimento da promessa de **Lobo da Penha** que anunciara que em futuro artigo algo mais diria sobre outras afirmações de «Sempre Pronto» com as quais não estava inteiramente de acordo. Afinal, **Lobo da Penha** enche uma página do nosso colega «Flor-de-Lis» tentanto defender o que a Enciclopédia Verbo disse sobre «Escutismo», mas quase não consegue mais do que confirmar a crítica que aqui fizemos.

HAVERÁ LOBITOS DE CINCO ANOS?

Começa **Lobo da Penha** por dizer: O Sempre Pronto **insurge-se contra a informação de que os lobitos são admitidos na Associação aos cinco anos.** Parece que o nosso interlocutor leu a nossa crítica com lentes de aumentar. Porque nos havíamos de insurgir por um pequeno lapso? Notámos uma inexactidão com toda a simplicidade. Mas **Lobo da Penha** não faz senão confirmar que temos razão. E não merece a pena enredarmos em considerações. Não há em Portugal qualquer associação escoteira que receba regularmente lobitos com cinco anos e qualquer dirigente escoteiro reconhece que uma criança com essa idade não está normalmente desenvolvida para participar na actividade dos lobitos. Baden-Powell — é **Lobo da Penha** que afirma — fixou em sete anos a idade mínima para a admissão dos **wolfcubs** ou lobitos.

A FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO FEMININO

Quanto às **Girl-Guides** não chegamos mesmo a perceber onde está a discordância de **Lobo da Penha.** O que escreve está certo e confirma que o casamento de Baden-Powell nada teve a ver com o aparecimento das Guias. Quando B.-P. casou já existiam as guias e, portanto, está errada a informação da «Verbo» quando diz: **Com o casamento de Baden-Powell, em 1912, surgem as Guias.** Depois de 1915, *Lady* Baden-Powell dedicou-se ao movimento das Guias, tendo imprimido ao Movimento notável desenvolvimento.

O JAMBORI DE LONDRES EM 1920

No número de escoteiros que participaram no Jambori de Londres é que **Lobo da Penha** insiste em defender a errada informação da «Verbo» — 111 000, **prudente estimativa do número de elementos escotistas que se deslocaram a Londres,** segundo **refere testemunha autorizada.** E acrescenta ainda: **No seu livro** Le Scoutisme **o P. Sevin, que foi testemunha ocular do que afirma, declara que foi «às centenas de milhar que os escutas de todas as cores invadiram a cidade de Londres nesses dias». E em nota esclarece que os jornais avaliaram em 500 000 o número de escutas presentes em Londres...**

Está identificada a origem do erro da «Verbo». O livro do P. Sevin, que teve larga audiência entre os dirigentes dos Escoteiros de Portugal, tem de facto essa informação. Trata-se de uma boa obra sobre Escotismo, mas necessàriamente não é um oráculo. Levado pelo seu entusiasmo, P. Sevin deve ter exagerado.

Vem a propósito dizer que Portugal esteve representado neste Jambori por onze escoteiros, no tempo em que só se usava o tal «o», e estão vivas felizmente algumas dessas testemunhas autorizadas. No Jambori de Londres, o primeiro internacional, estiveram representadas 21 nações com 1 716 escoteiros. A Grã-Bretanha com os Domínios, que nesse tempo incluíam o Canadá, a Austrália, a África do Sul, a Índia, tinha então um efectivo de 218 000 escoteiros e dirigentes. Aonde poderia ir a tal imprensa arranjar os 500 000 escoteiros?

O «Jamboree Book», livro oficial, informa que da Escócia vieram 345 escoteiros, de Gales 400 participantes e que cada condado inglês esteve representado, sendo o maior contingente o de Manchester, com 200 participantes. Diz o mesmo livro: «Quando nos lembramos que cerca de 10 000 dirigentes e escoteiros passaram pelo acampamento...»

Os maiores Jamboris até hoje realizados foram os de Moisson, França, em 1947, e Sutton Park, Inglaterra, em 1957. Apesar do desenvolvimento que o Escotismo tinha atingido nessa data e do grande interesse que essas actividades despertaram, comparecendo importantes delegações de todo o mundo, graças às facilidades de transporte de que então se dispunha, o número de participantes não passou de 40 000.

Mas Baden-Powell esclarece-nos na sua obra «Escola da Vida» que «o Jambori de 1920 durou dez dias reunindo uns 12 000 escoteiros». Certamente que **Lobo da Penha** concederá que Baden-Powell será uma **testemunha autorizada.** Mas, se quiser insistir nos 111 000, nem mesmo com isso nos **insurgiremos.** Até achamos graça!

50 anos depois da escalada de Monsanto

«O milagre do povo de Lisboa»

Em 22 de Janeiro passado, o vespertino «A Capital» recordou os acontecimentos da revolução monárquica de 1919, cujo cinquentenário se comemorava. Entre os interessantes artigos insertos, destacava-se uma reportagem dos acontecimentos escrita por Paulo Barreto, que a subscreveu então com o conhecido pseudónimo de João do Rio. A reportagem, que é um retrato apaixonante dos factos em que a população de Lisboa e as forças armadas se envolveram para salvaguarda do regime republicano, foca a certa altura este aspecto da revolução em que os escoteiros estiveram presentes e diz:

«Dois espectáculos ficaram-me bem no fixador: a partida dos voluntários dos telégrafos e dos telefones, onde um velho de 60 anos teimou em enfileirar-se, marchando como um iluminado; outro, o aparecimento de um bando de pequenos escoteiros, carregando um cadáver. Neste país de heróis que a desgraça faz sob a guerra civil, até as crianças tomam parte na luta e pedem armas. Os «boy-scouts», os garotitos atiram-se pelos campos e montes, após as refregas, de pau na mão, à procura de feridos. Que mentalidade terão os homens saídos dessas crisálidas de escoteiros, sob o sangue da luta de irmãos? A mentalidade de agora põe a coisas numa atmosfera normal de guerra. Um sujeito que me via interrogar os «boy-scouts» disse-me, como se fosse hábito: — Eles prestam serviços. De resto, é do seu exercício.»

Passaram 50 anos, os rapazes que generosamente correram a socorrer feridos e a amparar moribundos são hoje homens maduros. Alguns deles são assíduos leitores de «Sempre Pronto». *Podemos, por isso, dar resposta à pergunta então formulada e dizer qual é a mentalidade dos «homens saídos dessas crisálidas de escoteiros». Conhecemos alguns, são homens generosos, dedicados ao seu semelhante, chefes de família exemplares, cidadãos probos e respeitáveis, profissionais distintos. Mas talvez mesmo possamos identificar os protagonistas do feito assinalado. Haverá algum leitor amigo que nos queira ajudar?*

FALTA DE ESPAÇO

Ficaram retidos muitos originais: Noticiário, Opinião dos Leitores, etc., que não puderam ser publicados neste número. Pedimos desculpa aos nossos leitores e colaboradores.

teatro das mais cruéis cenas da guerra, a Chefe-Guia toma parte num fogo de conselho no meio das ruínas que a hecatombe provocára.

Visita também a Bélgica, o Luxemburgo, a Holanda e a Itália, onde leva o alento do seu indomável entusiasmo para a obra de reconstrução que era necessário empreender.

Recomeçam, pois, as suas caminhadas pelo mundo. Em 1947, não assiste ao Jambori da Paz, porque se encontrava, na altura, em viagem para a Austrália, no cumprimento do seu programa de visitas às guias e escoteiros dos vários pontos do mundo. Mas em 1951 não falta ao Jambori de Salzburgo, onde, mais uma vez, é alvo das provas de amizade da juventude de todo o mundo.

OS OITENTA ANOS DE «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 2

Torna-se um verdadeiro apóstolo do Escotismo, pela obra de apoio que empreende em todos os lugares onde o movimento tenha deitado raízes.

Veio 1957 e com ele a celebração do jubileu do Escotismo e do centenário de B.-P. Ainda está na memória de todos essa grande manifestação com que se comemorou esses acontecimentos: o JIM, realizado em Sutton Park, no coração da Inglaterra.

No grande Jambori, onde se reuniram dezenas de milhares de jovens do mundo inteiro, contou-se com a presença de *Lady* Baden-Powell, cuja expressão de felicidade era notória, visto que, a seu lado, se encontravam os filhos e os netos, ou seja, toda essa família de escoteiros, na qual se revivia simbòlicamente o espírito desse grande homem que foi, e continua a ser, Baden-Powell.

Nas suas andanças pelo mundo, mais uma vez a ilustre senhora honrou as guias e os escoteiros portugueses com a sua presença nesta terra de que seu marido era integérrimo admirador. De 5 a 16 de Fevereiro de 1960, *Lady* Baden-Powell permaneceu na Casa Lusitana, sempre rodeada de provas de apreço que as três organizações nacionais tiveram ensejo de lhe dedicar. Foi durante esta visita que a A. E. P. lhe fez entrega da sua mais alta condecoração — o *Lis de Prata*. Em nome da Fraternal dos Antigos Escoteiros, a mais antiga guia portuguesa, a Sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, obsequiou-a com um par de lindos bonecos com trajos regionais, enquanto as Guias de Portugal lhe ofereciam um cesto de frutas cristalizadas.

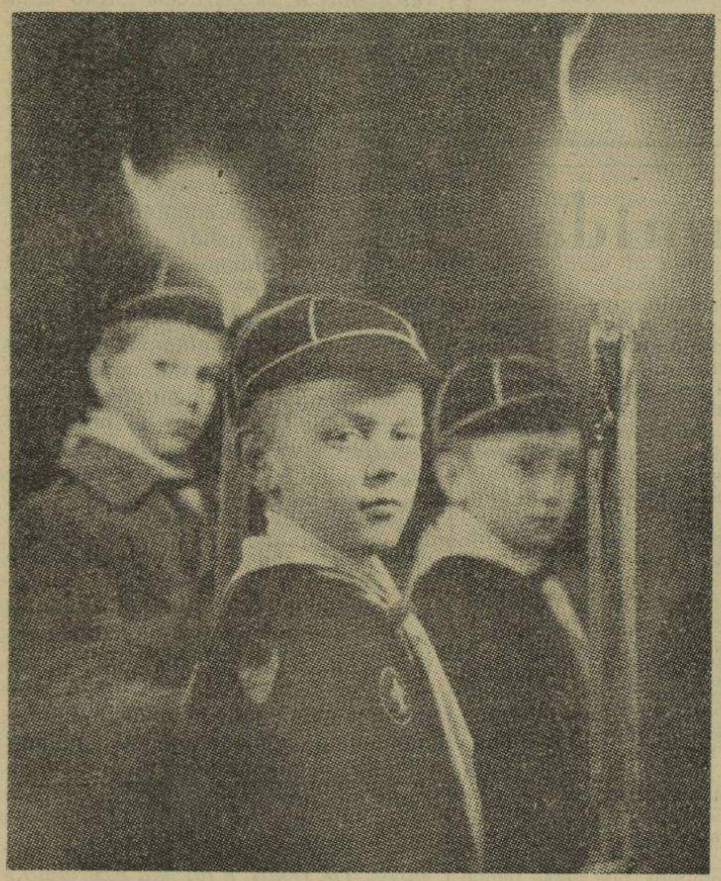
Porém, outro golpe profundo trespassaria o seu coração, passados poucos anos. Em 10 de Dezembro de 1962, *Lady* Baden-Powell perdia o seu filho Peter, o homem que era fisicamente a imagem viva do Fundador.

Mas uma mulher que possui aquele forte espírito de determinação que B.-P. não se enganara ao entrevê-la em Knightsbrigde, não podia permanecer abatida ainda que fosse posta à prova de uma forma tão rude como aquela que acabava de experimentar. Em breve, estava ela de volta às suas actividades, transbordante de energia e de entusiasmo. Em 1963, já esteve no Jambori da Grécia e a sua inconfundível maneira de ser continuava inalterável, tanto assim que, ao aproximar-se o dia do seu 80.º aniversário, proclamava convictamente: «*Neste momento, a principal paixão da minha vida é o Escotismo e o Guidismo*».

Não seria justo terminar estas linhas que dedicamos a recordar os passos dalguém que pode ser o orgulho de todas as verdadeiras mulheres, sem fazer o possível por nos deixarmos contagiar por essa energia desbordante, esse entusiasmo sem par de uma octogenária.

Guias e Escoteiros de Portugal: diante de um exemplo tão digno e em honra de tão ilustre aniversariante, acorramos com denodo a contribuir, com o nosso esforço e a nossa alma, para a expansão do movimento, a fim de que de alguma forma trabalhemos para transformar o dia 22 de Fevereiro de 1969 no dia mais alegre de *Lady* Olave Baden-Powell.

EIS OS LOBITOS!



Esta gravura foi tomada da revista britânica «SCOUTER». Os lobitos, que tanto gostam de brincar, estão aqui ocupados numa actividade séria. Eles são capazes de tomar responsabilidade e de prestar serviço autêntico, que esteja à altura das suas capacidades. A Divisão Lobito é o ramo da Esperança. Procura-se agora incrementar a actividade dos Escoteiros de Portugal começando pelos seus membros mais novos. Eis uma medida acertada que bem merece a simpatia e a melhor colaboração de todos nós, Escoteiros. Que de Norte a Sul de Portugal os Lobitos iniciem com entusiasmo a alvorada do Movimento e que cada Grupo procure apresentar a melhor Alcateia!

LOBITISMO

Encontros de chefes de Alcateia



No intuito de procurar promover a expansão do lobitismo dentro do meio associativo da A. E. P., vai a Chefia Geral promover encontros de chefes de Alcateia, os quais se realizarão inicialmente ao nível de núcleos, passando mais tarde ao nível regional e nacional.

Os objectivos que a Chefia Geral pretende com a realização desses encontros são os seguintes:

1.º — Estudar e debater aspectos da aplicação do lobitismo, sua metodologia e técnicas, com vista ao aperfeiçoamento dos chefes de Alcateia e melhoria das actividades nas suas unidades;

2. — Captar ideias para a programação de actividades conjuntas nos núcleos, regiões ou de carácter nacional, com participação do maior número possível de colaboradores.

A Chefia Geral fez já a distribuição de quatro temas para serem estudados e debatidos nas referidas reuniões.

Os trabalhos nos núcleos decorrem durante os meses de Janeiro e Fevereiro.

Finalmente, prevê-se a realização de um encontro geral nos dias 29/30 de Março, onde serão apreciadas as diversas conclusões destes encontros.

Aquele que recebeu favores, pode lembrar-se deles; aquele, porém, que os prestou, deve esquecê-los. — SÉNECA

OS NOSSOS ASSINANTES

O nosso amigo sr. Mário Vieira Dias, de Cucujães, Oliveira de Azeméis, teve a amabilidade de nos escrever a fazer a assinatura de «Sempre Pronto». Agradecemos.

Continuamos a fazer apelo a todos os nossos amigos para que procurem obter novas assinaturas do nosso jornal, colaboração que muito agradecemos.

ASSINANTES PATROCINADORES

Tiveram a gentileza de nos enviar o valor da sua assinatura de patrocínio os seguintes nossos dedicados amigos srs. António Jesus de Brito, de Luanda; António da Encarnação Amêndoa, de Alverca do Ribatejo; José Luís Pinto Machado, do Porto; José Manuel Macedo, de Fall River, E. U. A.; Carlos Alberto Filipe, de Toronto, Canadá; Dr. Adelino Vieira Pimentel, de Angra do Heroísmo.

Também a Sr.ª Dr.ª D. Stephanie Lion e o sr. Prof. Dr. João Faria Lapa nos remeteram o valor de suas assinaturas de patrocínio de Esc. 100$00 cada. E ainda o nosso distinto colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira teve a amabilidade de nos enviar Esc. 200$00. A todos estes nossos generosos amigos apresentamos os nossos reconhecidos agradecimentos.

Assinantes Patrocinadores de «Sempre Pronto» são todos os nossos amigos que espontâneamente substituem a assinatura ordinária de Esc. 30$00 por um mínimo de Esc. 50$00 anuais.

Cumprimentos de Aniversário a «Sempre Pronto»

Mais amigos dedicados quiseram manifestar a sua simpatia por este jornal, enviando-nos votos de boas festas, a propósito da data festiva que há pouco se atravessou.

De Angra do Heroísmo, o nosso estimado amigo sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, ilustre chefe do Grupo n.º 52, daquela cidade e nosso delegado nos Açores, manifesta-nos os seus desejos de prosperidade para que este jornal continue a exercer a sua missão em prol do Escotismo.

Também a sr.ª D. Donzília Aurélia Barbosa, digna chefe da Companhia de Guias Rainha Santa Isabel, do Porto, nos envia um parabém muito sincero a propósito do aniversário deste jornal, aproveitando a oportunidade para agradecer as considerações que fizemos acerca da brilhante actuação daquela Companhia de Guias durante o último Jambori no Ar.

Nada têm a agradecer as gentis guias da Companhia Santa Isabel, a quem desejamos os melhores progressos e venturas.

Retribuímos, sensibilizados, os votos de todos estes nossos prezados colaboradores, desejando-lhes fecunda actividade e inúmeras felicidades no ano que está decorrendo.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

FALECIMENTO

Leopoldo Ferreira Saramago

No dia 5 do corrente, faleceu na Cruz Quebrada o sr. Leopoldo Ferreira Saramago, de 73 anos de idade.

O extinto, um antigo escoteiro do Grupo n.º 1, era casado com a sr.ª D. Carminda da Luz Santos Saramago e irmão do nosso assinante sr. Israel Ferreira Saramago.

A família enlutada, e em especial ao nosso estimado amigo sr. Israel Saramago, «Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas.



Abade Paul Lambot

Faleceu repentinamente em 26 de Outubro passado, quando entrava no Instituto du Parnasse para aí celebrar missa, o Rev. Padre Paul Lambot, da Bélgica, que foi dedicadíssimo dirigente escoteiro, muito conhecido internacionalmente e ex-membro do Conselho da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias.

O Abade Lambot era escoteiro há mais de 50 anos e ocupou numerosos cargos na Federação dos Escoteiros Católicos como assistente religioso, escoteiro-chefe e como capelão. Participou na direcção de diversos campos-escolas. Dedicou-se muito também ao ramo de extensão (escoteiros deficientes fisicamente), trabalho que muito o cativou.

Esteve presente em diversos jamboris e ainda em 1967 participou na Assembleia dos Antigos Escoteiros realizada em Durham, Inglaterra. Era professor e capelão de uma instituição para crianças deficientes e exerceu grande influência na juventude, mercê do seu espírito original, da sua simplicidade, da sua alegria e do seu extraordinário humor, ao mesmo tempo que afirmava um ardente sentido do dever e profundo respeito pelos valores fundamentais, assunto em que não transigia.

Foi colaborador do *«Bulletin de l'Amitié»*, dos antigos escoteiros, que lhe consagra sentida homenagem, onde colhemos parte das referências que aqui registamos.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O papel da Religião no Escotismo

Se o Escotismo visa educar, desenvolver o civismo entre os rapazes, ninguém poderá em bom critério desejar que tão valiosa acção se circunscreva a um círculo fechado. Baden-Powell, espírito cristão e, portanto, tolerante e generoso, compreendendo que na educação da mocidade se encontrava a chave do problema social, abriu o Movimento a todos os rapazes, procurando que TODOS se dedicassem a um ideal de tolerância e de boa vontade.

Esta amplitude do Escotismo não encoraja atitudes dúbias, indefinidas, porque o Fundador exige que o Chefe vele pelo cumprimento dos deveres religiosos de cada escoteiro, de harmonia com a sua própria confissão. O que importa e tem valor é que o Escoteiro afirme a sua crença, e não o Organismo escotista.

Nada impede que se constituam associações ou grupos confessionais, porém tais grupos deverão praticar actividade escotista e integrar-se na fraternidade escotista, considerando seus irmãos todos os rapazes que prestam o Compromisso de Honra, se querem ter o direito de se considerarem parte do movimento fundado por Baden-Powell.

.....

Individualmente, se um Escoteiro pertence a uma associação ou a um grupo composto por rapazes de mais de uma crença, isso em nada afecta as suas convicções e pode fomentar e vincular excelente espírito de tolerância e respeito pelas opiniões alheias, sem prejudicar a afirmação da Fé de cada um.

E qual será o melhor Escotismo? O católico, o israelita, o evangélico, o justaconfessional? Quanto a nós, o melhor escotismo será aquele que conseguir apresentar os melhores frutos, aquele que criar rapazes ou raparigas mais amantes de Deus e cumpridores da Sua vontade; com maior espírito de civismo, mais dedicados ao seu semelhante, mais vigorosos no corpo e espírito, mais aptos a vencer na vida, mais ágeis, com maior capacidade de acção e de iniciativa. Esse será o melhor Escotismo!

«SEMPRE PRONTO» no Entroncamento

Tendo deixado de exercer o cargo de correspondente do nosso jornal o Escoteiro Carlos Manuel Soares, foi, por proposta do Chefe do Grupo n.º 84, daquela Vila, nomeado novo correspondente o Caminheiro Vítor Rodrigues Bertelo.

Vítor Bertelo é membro do Grupo n.º 84 há seis anos, esteve a cumprir o serviço militar, tendo-se apresentado novamente no seu grupo para prestar serviço. Está desempenhando interinamente o cargo de Chefe de Alcateia.

«Sempre Pronto» apresenta-lhe as boas vindas e espera que a sua colaboração será de harmonia com a tradição das boas relações entre o nosso jornal e os escoteiros do Entroncamento, localidade onde temos um bom núcleo de assinantes e contado muitos amigos.

da centúria. Sem uma longa tradição intervencionista como na Inglaterra, sem uma educação e uma instrução moldadas em bases construtivas e que visassem imediatamente ao perfeito desenvolvimento da personalidade do homem, habituados a contar sempre com o Poder central para lhes resolver os problemas mais variados, os Portugueses, levados por um temperamento meridional exuberante, em que a razão nenhum império tem, sentiram-se ébrios de liberdade, que passaram a considerar ilimitada... em relação às suas próprias pessoas.

E a segunda metade do século passado e o primeiro quartel do actual foram testemunhas da indisciplina crónica instalada no País, indisciplina fomentada tantas vezes por homens do mais elevado valor mental que, como «políticos», se julgavam obrigados a fazer a vida negra a todos os partidos que não fossem o seu, a enxovalhar outros homens de igual envergadura mas seus antagonistas «políticos», e, algumas vezes, a própria Realeza. Criou-se assim o «clima» que, descreditando o sistema constitucional, acabou por descreditar, aos olhos do vulgo, a palavra Política, levando muitas pessoas de valor a abandonarem a acção política, enquanto no povo o seu descrédito atingia o mais alto grau.

No fundo, o que descreditou a Política aos olhos da maioria dos Portugueses, foi precisamente o mau uso que tantíssimos fizeram de um direito que o Liberalismo lhes reconheceu, mas para o exercício do qual não estavam preparados. É daqui que nasce o apelo aos regimes de força, considerando os espíritos simplistas que, já que têm de escolher entre dois males — a ditadura e a desordem — aconselha a prudência a escolha do menor...

Eis porque disse atrás que as palavras transcritas do artigo de Lazlo Nagy não se encontram à altura de serem compreendidas pelos nossos rapazes, mesmo que estes enverguem o uniforme de escoteiro.

Baden-Powell, desde que lançou o Movimento há mais de 60 anos até à hora em que morreu, a cada passo se referiu aos deveres cívicos dos Escoteiros. E tendo o Movimento como finalidade servir — *Be Prepared,* Sempre Pronto — compreende-se que à cabeça se encontre a Pátria, que cada Escoteiro deve servir dos vários modos por que tal se impõe.

Não basta pegar numa arma para a defender, porque, felizmente, a Pátria não está todos os dias a ser ameaçada ou atacada.

Mas sendo os Governos verdadeiros delegados do Povo para proverem à felicidade deste através dos vários canais por que tal acção governativa se faz sentir, impõe-se a cada cidadão o dever de colaborar, dentro da sua esfera de acção, restrita ou ampla, para que a acção governativa se torne eficiente em benefício da colectividade. Tem portanto cada português em geral, e cada Escoteiro em particular, o dever de interessar-se pela marcha dos negócios públicos, porque não faria sentido que dentro dessa colectividade os membros se desinteressassem daquilo que imediatamente lhes diz respeito. Todos somos obrigados, por imperativo da consciência e também da razão, a interessar-nos pela Política, no elevado sentido que esta palavra toma da prática da cidadania.

No Prefácio ao seu belo manual *Aids to Scoutmastership* (pág. VII), B.-P. escreveu: «O termo *Escotismo* passou a significar um sistema de treino para a cidadania de rapazes e de raparigas, por meio de jogos».

Claro que por «cidadania» se entende, não só a qualidade de cidadão que a Lei reconhece a cada homem dentro da sociedade organizada, mas também a sua intervenção como tal na vida pública, no exercício de um direito reconhecido pela mesma Lei.

Para se evitar, porém, que a intervenção do cidadão se faça ao sabor do arbítrio de cada um, dos seus caprichos, das suas malquerenças, de tudo aquilo, enfim, que traduz apenas egoísmo, torna-se necessário possuir uma perfeita consciência cívica. E esta só a pode dar a Escola ou o Escotismo, porque só aquela instituição e este movimento têm possibilidade de incutir a ideia do civismo no espírito dos jovens.

Escreveu um dia o Fundador que «muitíssimos indivíduos reclamam direitos antes mesmo de ganharem direito a tê-los» (*Rovering to Success,* pág. 169), verdade que passou e continua a passar despercebida de muita gente, enquanto outra defende precisamente a ideia contrária.

Se as Constituições de todos os Estados civilizados reconhecem e garantem os direitos dos cidadãos (o que só pode ser possível numa sociedade civilizada), torna-se absolutamente necessário que cada cidadão, se compenetre, por sua vez, de que o limite desses direitos confina com o dos direitos dos seus concidadãos, sem o que a sociedade não poderia subsistir.

Se não pode admitir-se que todos os regimes políticos se equivalem e que cada povo tem o governo que merece, a verdade é que um regime defeituoso perde muitos dos seus defeitos quando os governantes têm a exacta noção do seu dever cívico, exactamente como um regime teòricamente perfeito se mareia quando

Escotismo

Continuação da pág. 1

a gerência dos negócios públicos cai nas mãos de homens corruptos e desonestos.

A História ilustra à saciedade esta verdade comezinha, bastando citar o governo dos primeiros Antoninos na Roma da decadência, quando se viu o império governado por homens do mais elevado quilate moral, entre os quais se destacou para todo o sempre a figura admirável de Marco Aurélio. Se o regime imperial conduzia os imperadores ao despotismo, os erros desse regime poderiam ser corrigidos ou atenuados se os imperadores não fossem, na sua maior parte, vulgares ambiciosos, debochados, cruéis, paranóicos, doidos ou simplesmente idiotas.

O sentido da Justiça, tão agudo em Luís IX de França, raras vezes foi alcançado, quer pelos seus antecessores, quer pelos seus sucessores. E foi exactamente a decadência desse sentido por parte dos Burbões uma das causas mais profundas da Revolução Francesa.

Durante os primeiros anos do período revolucionário francês, após a proclamação da República (1792) e até à reacção termidoriana (1794), muito se falou em França de «civismo», não sendo o «certificado de civismo» passado a quem não se reconhecessem qualidades bastantes a darem-lhe jus. Não o possuir era tornar-se «suspeito», o que implicava quase sempre a prisão e, muitas vezes, a morte.

Muitos dos homens representativos do regime e dos seus cabos de guerra possuíam tal certificado. Mas, apesar do rigor com que as autoridades revolucionárias procediam no seu inquérito antes de o concederem, muitos houve que vieram a demonstrar não possuir a mais leve noção de dignidade cívica, cometendo actos, tantos deles revoltantes, demonstrativos de ausência absoluta de sentimentos dignos.

Um general, Kellermann, que defendia a fronteira norte da França da invasão dos coligados contra a República, passou-se ao inimigo. E quando um dia o general Bonaparte, aproveitando a má-vontade contra a corrupção do governo do Directório, assalta o Poder violando a Constituição vigente, quase todos os generais seus pares o apoiaram, esquecendo o seu juramento de fidelidade à República e os seus deveres cívicos, para apenas salvaguardarem o seu futuro, jogando na carta que o novo ditador acabara de lançar na mesa.

Um homem houve, José Fouché,

e Política

que, depois de na Convenção ter votado a morte do rei, ter deixado atrás de si um rasto de sangue em Lyon como procônsul, aceitou o governo de Bonaparte, de quem veio a ser Ministro da Polícia, enchendo a França de espiões e as cadeias de suspeitos, procurando descobrir os mais leves indícios de oposição à ditadura castrense. E quando a estrela da vitória do Corso começou a empalidecer, logo ele, Fouché, procurou entender-se com os inimigos externos do imperador para ajudar a derrubá-lo e salvar-se a si na derrocada.

Se percorrermos a história das nações civilizadas e a nossa própria história, depararemos muitas circunstâncias demonstrativas de como têm sido raros infelizmente os homens dignos, capazes portanto de se sacrificarem e até sacrificarem a própria família por amor da honra cívica e da felicidade da comunidade.

É que, em muitos casos, o medo lhes tolhe a língua, esse medo que tem sido o melhor aliado de todos os déspotas, desde a mais remota antiguidade até aos dias que estamos a viver. A coragem moral, *la bouche qui dit «non»* como escreveu Vítor Hugo, posta ao serviço da comunidade, raras vezes se vê brilhar nas páginas da História, tal como a flor da *eidelweiss*, só visível nas altas montanhas inacessíveis. O aprendizado do civismo é difícil, porque exige exactamente essa coragem moral, mais bela, mais alevantada, mais nobre do que a coragem física, tantas vezes resultado de circunstâncias fortuitas, que raro se repetem.

Laszlo Nagy escreve a este respeito: «O caminho a seguir não é o do velho conservantismo assente em declarações solenes e apelos teóricos à justiça, nem o da resignação cega e passiva perante a chamada inevitabilidade da história. O caminho a seguir é o de resoluções inteligentes e esclarecidas concebidas com profundo sentido de justiça e também daquilo que é possível. Queiram ou não queiram, o Escotismo, como outros movimentos juvenis, tem de encarar de frente as realidades e isto requer coragem».

Ora a Política, na sua mais nobre acepção, é uma das mais vivas realidades, porque dela é que depende em última análise a felicidade dum povo e, portanto, a de cada cidadão. Arredada para sempre a noção grosseira que elevada percentagem de portugueses ainda têm do significado do termo, há que considerar essa realidade com serenidade e de frente como aconselha Laszlo Nagy, na mesma linha de rumo que o Fundador traçou, ao escrever: «O teu melhor patriotismo é ajudares a elevar a eficiência da tua pátria para ela poder ocupar o seu lugar próprio no concerto das nações do mundo» (*Rovering to Success*, pág. 165).

E não é só exercendo as suas actividades profissionais com honestidade, pondo a sua pena ao serviço da terra ou batendo-se por ela de armas na mão contra os inimigos. Serve-se também e mais acompanhando a marcha da Coisa Pública e intervindo com consciência como cidadão esclarecido que considera o Governo como servidor da Pátria, que não pode nem deve desmerecer porque a ideia de Pátria não é uma abstracção, antes, porém, uma perfeita realidade constituída por um Passado, a que sob vários aspectos todos estamos ainda vinculados, um Presente, que são *todos* os Portugueses espalhados pelo Mundo inteiro, e um Futuro, representado já pelos nossos filhos, os nossos netos, os nossos pósteros, todos aqueles, enfim, que continuarão Portugal no porvir.

Há, pois, que preparar conscientemente cada Escoteiro para vir a tornar-se um cidadão exemplar, pelo menos um homem consciente dos direitos e dos deveres que implica a cidadania, e tal missão cabe antes de mais aos Chefes, que, como tantas vezes tenho escrito, não podem mais ser meros utentes de um uniforme com direito à saudação, mas têm, sim, e acima de tudo, de «cumprir a Lei do Escotismo em todos os seus actos» para que «os rapazes ràpidamente aceitem a sua orientação», como escreveu B.-P. (*Aids to Scoutmastership*, pág. 46).

Recordemos ainda as belas palavras do Fundador: «Uma nação não deve tanto os seus êxitos à força dos seus armamentos como à força do carácter dos seus cidadãos» (*Ob. cit.*, pág. 42). Tenham os Chefes bem presentes estas palavras e esforcem-se por incuti-las no espírito dos seus rapazes. Fazendo-o, adquirirão a certeza de terem cumprido não só o pensamento de B.-P., mas também, o que é melhor, o seu próprio dever de Chefes.

Acima de tudo terão, ainda, adquirido uma certeza, a mais reconfortante, a mais bela das certezas: a de prepararem os seus jovens camaradas para o desempenho dos seus futuros deveres de cidadãos, e, assim, contribuírem para pôr termo aos defeitos históricos dos portugueses e criarem um Portugal Maior, que não será nem deve ser um Portugal de pensamento imperial arcaico, mas uma Pátria rejuvenescida e fortalecida pela força do carácter cívico dos seus filhos.

António Sérgio

Deixou-nos António Sérgio!

Não é fácil em poucas linhas traçar a figura deste Homem, que viveu em grande medida para os outros e, numa acção múltipla, profunda, vasta, foi, o educador, principalmente, o crítico de excepção, ensaísta quase único no nosso país.

Atrevo-me a dizê-lo: quase único. Porque tantos supostos ensaios que leio são do género de ensaios de peça teatral (*não negarei o valor de muitos*) *e não* ensaios de contrastaria, *para, por eles, se avaliar do que é ouro ou pechisbeque na vida.*

Da sua vasta obra, sempre séria e profunda, destacam-se os seis volumes de «Ensaios»; *mas em cada opúsculo ele pôs a marca do contraste.*

Idealista do ensino como factor do ressurgimento nacional e dum cooperativismo federado promotor, como cria, de espírito cívico, foi um «marginal» do espiritualismo cristão que muito respeitava. Foi um tanto cartesiano, um tanto anteriano, um tanto espinosiano; tradutor de Leibnitz e de Renouvier; mas foi principalmente ele-mesmo, *com o «amor intelectual de Deus», de uma tolerância nada postiça, mestre de civismo, de compreensão, de «controlo» pela razão.*

António Sérgio colaborou por vezes com o Grupo n.º 1 de Escoteiros, na União Cristã da Mocidade, chegando a ter o seu nome na Comissão Patrocinadora desta. Quando ministro da Instrução Pública, presidiu, na sede daquela agremiação, a uma sessão comemorativa do «Dia das Mães».

Deve-se-lhe a fundação do Instituto Português de Oncologia, à testa do qual está hoje um antigo escoteiro, de renome igualmente mundial.

Quem isto escreve foi junto dos seus restos mortais, modestamente, ignorado, saudoso, deixar o sinal humilde mas sincero da sua gratidão de amigo obscuro.

E. M.

XV Poemeto filatélico

(Diante do selo comemorativo do VI Congresso Europeu de Reumatologia).

Bendito o esforço
De quem se dedica
A fitar de frente
Da dor a serpente!
Sem remorso fica
Aó furtar à dor
E à triste inacção
O probo labor
Do bom cidadão.

Eduardo Moreira

Número 286

SEMPRE PRONTO

Fevereiro de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Uma notável entrevista com «Lady» Baden-Powell

«SOMOS UMA FORÇA ESPIRITUAL PARA O BEM, ILIMITADA NA SUA ESFERA E ILIMITADA NAS SUAS POSSIBILIDADES» — Afirmou a GUIA-CHEFE MUNDIAL

«Lady Baden-Powell esteve em Genebra, em Setembro passado, de visita à nova sede da Repartição Mundial de Escotismo. Anthony J. Murdoch, redactor do «World Scouting», aproveitou essa oportunidade para a entrevistar. A Chefe Mundial das Guias produziu nessa ocasião afirmações de muito interesse sobre os Movimentos Escoteiro e Guidista, e relações entre ambos, que temos muito prazer em oferecer aos nossos leitores, aproveitando o útil serviço mundial de informação da Repartição Mundial de Escotismo.

Anthony J. Murdoch iniciou a sua entrevista inquirindo:

— Iniciamos uma nova era de escotismo, após a publicação do Relatório de Laszlo Nagy acerca do nosso Movimento. Suponho que conhece o conteúdo desse relatório. Por isso, gostava de lhe pedir o favor de dizer algumas palavras acerca dos novos rumos dentro dos quais nos vamos passar a mover.

— Estou encantada de estar aqui na nova sede da Repartição Mundial e muito contente por ter ocasião de ver os esplêndidos escritórios que encontraram, aqui, em Genebra, que facilitarão o novo trabalho que se espera da Repartição Mundial. Esta Repartição funciona, desde há muitos anos, em diferentes lugares e encontra-se agora perante uma nova era. Queria aproveitar esta oportunidade para apresentar os meus mais calorosos votos ao novo Director Mundial e ao Pessoal, no momento em que começam o seu trabalho a favor das gerações vindouras.

«Lembro-me muito bem, porque avanço na idade e tenho visto desenvolver uma grande parte da história do escotismo, dos anos que se seguiram à fundação e abertura da 1.ª Repartição Mundial, há bastante tempo, em Londres, depois do Jambori de Olímpia, em 1920. Mais tarde, evidentemente, visitei a Repartição Mundial em Otava; a repartição de Londres, como alguns de vós certamente sabem, foi então ocupada pelo outro nosso movimento, a outra parte do nosso movimento, ao qual pertenço natural e plenamente, ou seja o Movimento Mundial das Guias. A nova repartição ocupa portanto as instalações que foram dos escoteiros e temos talvez herdado um pouco do seu espírito.

«Mas aqui, em Genebra, parece que começamos uma era nova, porque o mundo inteiro tem atravessado nestes dois últimos anos o que se poderia chamar um estado de transformações contínuas; um estado de espírito perturbado no plano político, nacional e internacional e até na maneira de pensar das pessoas e da nossa maneira de viver. Mas, no escotismo, penso que é muito importante lembrar o plano original, tal qual foi imaginado e dado ao mundo pelo meu marido. Embora sejam necessárias numerosas mudanças de programa, de atitude e de forma de pensar, é preciso absolutamente que mantenhamos, mesmo num mundo que se transforma, a essência do que foi fundado há tantos anos e que tem provado o seu valor durante todos eles. Como vós dizeis, vale a pena experimentar; é preciso fazer experiências, mas tendo o cuidado de não sacrificar nem a tradição nem os princípios fundamentais nem, evidentemente, o que é mais importante todo o espírito do escotismo, o espírito de boa vontade, o espírito dos grandes esforços e o espírito de suscitar entre os jovens o desejo de superar em todas as actividades que lhes são oferecidas pelos programas escoteiros. Além disso, sabeis todos que o programa escoteiro não é verdadeiramente um programa de actividades, mas um modo de vida que nos deve permitir assumir as nossas grandes responsabilidades nas diferentes nações que adoptaram os princípios escoteiros. Somos uma força espiritual para o bem, ilimitada na sua esfera e ilimitada nas suas possibilidades. O grande alvo hoje, na minha opinião, é tentar tornar conhecido o nosso espírito e as nossas ideias mais longe e em círculos mais largos, e tornar o grande público, tanto quanto os pais e os educadores, consciente do que o Escotismo pode levar à geração que agora surge.»

Anthony Murdoch tentou nova pergunta:

— Pode dizer-me, em algumas palavras, quais são os seus pontos de vista sobre o assunto de que tanto se fala presentemente, ou seja sobre a cooperação crescente entre os movimentos escoteiros masculino e feminino?

— Bem, podeis imaginar como tenho permanecido nos dois campos, por assim dizer, como Guia-Chefe Mundial de uma parte e como Vice-Presidente da associação mundial do escotismo masculino da outra parte, tanto me interesso por um lado como pelo outro. Mas, como é natural, estou mais envolvida na obra das Guias, dado que tenho sido desde há tão longa data a sua Guia-Chefe Mundial, enquanto a outra associação, por natureza, é um assunto de homens e o movimento escoteiro deverá ser masculino; quanto ao movimento das guias — o movimento escoteiro feminino — insisto em que se lembrem sempre de que é um assunto de mulher, porque, embora isso pareça fora de moda a certas pessoas, tenho ainda a impressão, e julgo que a maior parte dos homens assim pensam, que no lar é a mulher que conta, e que a sua situação no lar, na comunidade e na nação é igualmente tão importante como a do homem. Por consequência, foi isto que o meu marido sentiu, depois de ter fundado o escotismo: fundando o movimento das guias, fazia algo de mais importante ainda porque ele acreditava firmemente que a influência das mulheres era de uma enorme vantagem para as crianças, para os homens, para a comunidade e mesmo para o país. Assim, os dois movimentos cresceram lado a lado, mas é preciso que cada um deles encontre o seu próprio rumo. Nalguns países isso seria vantajoso mas noutros não é possível. Com efeito, em certos países teria sido prejudicial se os dois movimentos estivessem unidos, porque existem velhas tradições que não desaparecem senão lentamente. Creio poder dizer sinceramente que na América Latina e nos países da Ásia são os homens que dominam e as mulheres ficam na sombra, enquanto noutros países as mulheres estão saindo da sombra e se encontram no primeiro escalão da sociedade. A cooperação deve-se fazer com sabedoria e onde for desejável.

«Não é necessário correr o risco de ver retroceder aquilo que se começou bem. Há necessidade de ser cuidadosamente reflectido. Onde a cooperação tem sido bem preparada, tudo marcha bem, como se pode verificar na Islândia, em Israel e na Índia, os três primeiros países onde se introduziu a cooperação e, agora, a Suécia. Os movimentos dos escoteiros e das guias juntam-se e encontram-se muito no plano local. Penso que isto deveria vir simplesmente, de maneira gradual, mas que seja recomendado e encorajado por pessoas clarividentes que organizam a cooperação de maneira nova, quer dizer organizando os programas em conjunto, o que constituiria uma novidade.

«Poder-se-ia quase dizer que isto se tornou moda, reunirem-se os chefes escoteiros e guias para fazerem em conjunto a sua formação, a fim de cantarem em conjunto, de dançar em conjunto, de agir em conjunto e prestar serviços públicos em conjunto, fazendo aquilo que designais por «boa acção» ou, noutros termos, o serviço da comunidade. Isto é feito pelos chefes escoteiros e chefes-guias do ponto de vista adulto, depois a ideia infiltrou-se entre os mais velhos das jovens e dos jovens. Na idade de adolescência trabalham admiràvelmente em conjunto, desde que tenham um trabalho definido a cumprir. Encontrarem-se simplesmente para conversar não é suficiente, mas *fazer* qualquer coisa em conjunto é uma excelente experiência para eles, e isso está sendo feito cada vez mais frequentemente. Evidentemente, algumas vezes começam já como juniores, à idade de lobitos e avezinhas. De facto, tenho visto lobitos participarem nos programas de avezinhas, mas isso não marcha muito bem, excepto nas regiões muito recuadas. Conheço uma escola no Quénia, onde lobitos e avezinhas fazem tudo em conjunto, porque têm um só chefe e a mesma maneira de pensar. Ali, onde se está muito isolado e em muito pequeno número, pode ser que tudo siga bem. Estou extremamente feliz por ver esta tendência moderna para reunir de mais em mais as duas secções, ambas fundadas sob o mesmo princípio, a Lei, a Promessa, as actividades e o espírito do Movimento».

Actividades Escotistas

Encontros de Guias de Patrulha

Como resultado do plano estabelecido entre o Chefe Geral e os chefes dos núcleos de Lisboa, foi já distribuído um programa de encontros de guias de patrulha ao nível de grupos e de núcleos.

Com vista a estes encontros, foram distribuídos 4 temas diferentes, que os escoteiros estudarão e debaterão entre si.

No final, haverá um encontro a nível nacional.

O Escoteiro-Chefe Geral deposita bastante esperança nos resultados a obter destes encontros.